

TANI

Cristóvão Tani foi casado com Ana Maria (Sasini?).

Pais de:

- 1.1 - Malvina Francisca Tani, nascida em Itaocara e ali casada às 2 horas da tarde de 9 de janeiro de 1877 (CB2, 106) com José Vitorino da Fonseca, nascido em Nova Friburgo, filho de Joaquim Vitorino da Fonseca e Ana Rosa do Amaral.

O casal teve:

- 2.1 - Joaquim, nascido em Itaocara em 13 de dezembro de 1876.
2.2 - Armesinda, nascida em Itaocara no dia 6 de dezembro de 1878.

TARDIM DE SIQUEIRA

Francisco Tardim de Siqueira foi casado com Josefa Gonçalves da Cunha.

Ela já estava morta em 1830.

Pais de:

- 1.1 - José Frutuoso de Siqueira, casado na matriz de Cantagalo a 31 de outubro de 1830 com Maria Rita da Conceição, filha de José Antônio Cordeiro e Maria Rosa da Conceição.

Deste casal vieram:

- 2.1 - José, batizado na matriz de Cantagalo no dia 29 de dezembro de 1840 (AA2, 1A, 109v).
2.2 - Francisco, batizado na matriz de Cantagalo em 6 de março de 1842 (AA2, 1A, 168).

TEIXEIRA

Antônio Teixeira foi casado com Maria Francisca, índios coroados.

Pais de:

- 1.1 - Joaquina, batizada na matriz de Cantagalo a 13 de setembro de 1811, com pouco mais de um mês de idade.

TEIXEIRA

Antônio Teixeira foi casado com Maria José¹

Pais de:

- 1.1 - Joaquim, falecido em Itaocara a 30 de julho de 1817 com 3 anos de idade.
1.2 - Gabriel, falecido em Itaocara a 20 de fevereiro de 1820 com 3 meses de idade.

TEIXEIRA

Constantino Antônio Teixeira, branco, natural de Minas Gerais, foi casado com Rita Maria de Jesus, parda.

Pais de:

¹Às vezes Maria Feliciano.

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

- 1.1 - Constantino, falecido em Itaocara aos 2 anos de idade no dia 28 de abril de 1856.
- 1.2 - Inácio, batizado em Itaocara a 12 de junho de 1854 e falecido a 9 de março de 1859.
- 1.3 - Cândida, falecida em Itaocara a 11 de abril de 1861 com 5 anos de idade.

TEIXEIRA

Felizardo José Teixeira foi casado com Emerenciana Maria Rosa da Conceição.

Pais de:

- 1.1 - Ursulina Maria Rosa da Conceição, nascida em São João de Itaboraí e casada em Cantagalo a 29 de agosto de 1842 com Alexandre Roguier, nascido em Nancy (França), filho de Carlos Roguier e Pelágia de Yessipoff.

TEIXEIRA

Fernando José Teixeira foi casado com Eva Maria da Conceição, já falecida em setembro de 1864.

Pais de:

- 1.1 - Antônio, falecido no sítio do pai a 4 de março de 1831 com 2 anos de idade.
- 1.2 - (outro) Antônio Fernandes Teixeira, natural de Nova Friburgo e casado em São José Leonissa às 2 horas da tarde de 5 de setembro de 1864 com Cândida Maria dos Santos, filha de Joaquim Florêncio da Silva e Maria da Silva.

TEIXEIRA

Francisco Teixeira foi casado com Maria de Medeiros.

Pais de:

- 1.1 - Maria de Medeiros, casada em Itaocara no dia 1º de junho de 1860 (CB1, 146v) com Manuel Alves de Souza, português, filho de Bernardo José e Ana Antônia Alves.

TEIXEIRA

Joaquim Teixeira era fazendeiro em Itaocara m 1819.

TEIXEIRA

José Lucas Teixeira foi casado com (...).

Moradores em Itaocara.

Pais de:

- 1.1 - Maria Josefa, casada com André José de Ribeiro, filho de Vitorino José Pereira e Eusébia Maria. Com geração descrita no título PEREIRA.

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

TEIXEIRA

Venâncio Antônio Teixeira nasceu em Guarapiranga, filho natural de Maria (...).

Casou-se em Cantagalo a 4 de novembro de 1848 com Carlota Maria da Silva, de Cantagalo, filha de Valério da Silva e Joana da Silva (pretos livres).

Pais de:

- 1.1 - Benvinda Carlota da Silva, casada com Hermenegildo José Pinto, filho de Francisco José Pinto e Zeferina Rosa de Jesus. Vide tit. PINTO.

TEIXEIRA DE AGUIAR

Custódio Teixeira de Aguiar foi filho de José Teixeira de Aguiar e Francisca Luísa de Jesus.

Casou-se em Itaocara à uma hora da tarde de 10 de fevereiro de 1872 (CB2, 57) com Luísa Cândida Pimenta, filha de Manuel Elias Pimenta e Emerenciana Maria de Jesus.

TEIXEIRA ALVES VILELA

Manuel Teixeira Alves Vilela foi casado com Matilde de Souza Pontes.

Pais de:

- 1.1 - Matilde de Souza Teixeira, nascida em Itaocara e ali casada às 11 horas da manhã de 17 de setembro de 1881 (CB2, 173v) com Antônio Ferreira Calixto, português de São Martinho de Sande, arcebispado de Braga, filho de João Ferreira Calixto e Mariana Marques.
- 1.2 - Luísa Teixeira Pontes, casada com Antônio Lopes Rubim, filho de Joaquim Lopes Rubim e Rita Maria da Conceição Rodrigues Rita Maria da Conceição Rodrigues. Com descendência mostrada no tit. SIQUEIRA PRETO de *Povoadores e Colonos da Zona do Carmo*.
- 1.3 - Clara, nascida em Itaocara no dia 15 de março de 1864.

TEIXEIRA DO CARMO

Joaquim Teixeira do Carmo foi casado com Albina Escolástica do Carmo.

Pais de:

- 1.1 - Maria Joaquina de Jesus, casada com Francisco Rodrigues Antunes, filho de Bento Rodrigues e Luísa Maria da Conceição. Com geração no tit. RODRIGUES.
- 1.2 - Joaquim, batizado na matriz de Cantagalo no dia 26 de março de 1839 (AA2, 1A, 39v).
- 1.3 - Maria José da Conceição, casada com João Crisóstomo da Fonseca, filho de Miguel Ferreira da Fonseca e Ana Maria de Jesus. Com geração em FERREIRA DA FONSECA.

TEIXEIRA DE CARVALHO

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

João Teixeira de Carvalho nasceu na freguesia de Santo Aleixo, no bispado do Porto (Portugal).

Foi casado com Luzia de Jesus Cardoso, natural de Minas Gerais.

Pais de:

1.1 - João Teixeira de Carvalho, soldado na praça do Rio de Janeiro em 1798, casado com Micaela Cássia² da Fonseca, filha de Antônio Martins Viana e Ana Joaquina da Fonseca.

Deste casamento vieram:

2.1 - Joana, batizada em Cantagalo a 6 de abril de 1798.

2.2 - Ana Esméria, batizada em Cantagalo em princípios de 1799.

TEIXEIRA DE CARVALHO

Francisco Teixeira de Carvalho foi casado com Reduzinda Clara de Jesus. Nativos de Minas Gerais.

Pais de:

1.1 - Francisca, branca, batizada em Cantagalo a 12 de maio de 1816.

TEIXEIRA DE CARVALHO

José Teixeira de Carvalho foi casado com Francisca Rosa Umbelina.

Pais de:

1.1 - Joaquina Rosa Umbelina, casada com Francisco José de Oliveira, filho de José Ferreira da Silva e Francisca Maria do Carmo. Com geração descrita no título FERREIRA DA SILVA.

1.2 - Carlota Maria de Jesus, casada com Manuel Henriques da Fonseca, filho de Henrique da Fonseca e Souza e Beatriz Angélica do Carmo. Com geração descrita no título FONSECA E SOUZA.

TEIXEIRA DE CARVALHO

Manuel Teixeira de Carvalho nasceu na freguesia das Catas Altas (MG), filho de (...) Teixeira de Carvalho e Maria Fra(...).

Casou-se em Cantagalo no dia 16 de fevereiro de 1846 com Maria Quintina da Conceição, viúva de Francisco Antônio (Panchiana??).

TEIXEIRA DE GOUVEIA

Zózimo Teixeira de Gouveia foi casado em primeiras núpcias com Joaquina Rosa de Gouveia.

Ela morreu em Cantagalo no dia 23 de setembro de 1831.

Viúvo, ele se casou com Mariana da Rosa, filha de Domingos Francisco de Azevedo e Luciana Rosa de Almeida. Com geração no tit. AZEVEDO da Genealogia de Guarapiranga.

Do primeiro casamento vieram:

1.1 - Joana Amélia de Gouveia, nascida na freguesia de Santa Ana, na cidade do Rio de Janeiro, e casada em Cantagalo no dia 4 de maio de 1844 com Francisco Cláudio Barbosa, nascido na freguesia de N.

² Ou Escórcio?

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

Sra. da Guia de Mangaratiba (RJ), filho dos finados cap. José Manuel Barbosa e Matilde Quintina de Oliveira.

Deles vieram:

2.1 - Cesínio (!), batizado na matriz de Cantagalo a 19 de abril de 1845 (AA2, 1-2, 72).

1.3 - Silvério Teixeira de Gouveia, nascido no Rio de Janeiro e casado em Cantagalo em 25 de janeiro de 1849 com Francisca de Paula, cantagalense, filha de Leandro Correia Dias e Maria Felizarda do Nascimento.

Eles moraram em São Francisco de Paula e em Cantagalo, antes de se mudarem para Itaocara.

Eles tiveram:

2.1 - Ermínia Teixeira de Gouveia, casada com Francisco Rangel de Azeredo, filho de João Rangel de Azeredo e Maria Inácia de Jesus. Com geração no tit. RANGEL DE AZEREDO.

2.2 - Honorina Teixeira de Gouveia, casada com José Joaquim de Oliveira, filho de José Caetano de Oliveira e Ana Maria da Silva. Com a prole anotada no tit. OLIVEIRA.

2.3 - Eduardo Teixeira de Gouveia, casado na matriz de São José de Leonissa às 10 horas da manhã de 13 de junho de 1884 (Itaocara, 3º, 10v) com Deolinda Júlia do Couto, filha de Francisco do Couto Fernandes e Joaquina Júlia do Couto. Ele estava com 25 anos e ela com 16 anos de idade.

TEIXEIRA DE LEMOS

José Teixeira de Lemos foi casado com Maria Rita de Jesus.

Pais de:

1.1 - Antônio Teixeira de Lemos, oriundo de Duas Barras e casado em Itaocara com 32 anos de idade às 9 horas da manhã de 3 de dezembro de 1887 (CB3, 97) com Maria Leopoldina da Conceição, itaocarense de 26 anos, filha natural de Leopoldina Maria de Jesus. Brancos.

1.2 - Américo Teixeira de Lemos, nascido em N. Sra. da Conceição das Duas Barras, termo de Cantagalo, e casado em Itaocara com 20 anos de idade no dia 23 de maio de 1885 (CB3, 36) com Porcina Maria de Jesus, itaocarense de 20 anos, outra filha natural de Leopoldina Maria de Jesus. Brancos.

TEIXEIRA PENA

Antônio José Teixeira Pena nasceu na freguesia de São Salvador da Ribeira da Pena, Arcebispado de Braga, filho de Francisco Gaspar e Maria José Teixeira. Residia em 1806 (quando correram os banhos de seu casamento) na freguesia de Candelária, no Rio de Janeiro. Declarou, na época, o noivo:

"Diz Antônio José Teixeira filho legítimo de Francisco Gaspar, e de Maria José Teixeira, natural, e batizado na freguesia de São Salvador da Rybeira, Arcebispado de Braga, que para Cazar com Marianna Roza deseja justificar seo estado livre na Patria: por tando Pede a Vossa Senhoria se digne admittir o Suplicante a dita justificação e receberá mercê"

Disse ele que saiu de sua pátria há 12 anos (logo, em 1796) e não assistiu em outra parte. Apresentou por testemunha José Antônio Teixeira Pena (nascido em 1781 no arcebispado de Braga, solteiro, vendeiro em Itaboraá, RJ), o qual declarou que o noivo era pobre, pois principiante no negócio e sem bens de raiz.

Mariana nasceu na freguesia de Nossa Senhora do Socorro, na ilha do Faial, filha de José Silveira Dias e Antonia Maria de Jesus. Mariana veio de sua terra ainda criança em 1798 e, com os pais, passou a residir na freguesia da Sé carioca. Firma o documento seguinte:

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

"Diz Marianna Roza , filha legítima de Joze da Silveira Diaz, e de Antonia Maria de Jezus, natural e baptizada na freguesia de Nossa Senhora do Socorro da Ilha do Fayal, que para Cazar com Antônio Joze Teixeira Penna perciza justificar a menor idade em que veio de sua Patria: por Tanto Pede a Vossa Senhora Seja Servido admittir a Suplicante a fazer a dita justificação e receberá mercê"

Casaram-se na igreja do Santíssimo Sacramento, na cidade do Rio de Janeiro, a 29 de novembro de 1806.

O casal se mudou para a região serrana, onde Antônio José recebeu em sesmaria, no início do século XIX, terras à beira do ribeirão de São José, afluente do Rio Grande, no então denominado Sertão de Cantagalo (hoje município de Bom Jardim). Nessa terra fundou a fazenda Boa Vista, onde residia há cerca de nove anos em 1809, e nela plantava e tinha casa e benfeitorias, conforme relata em seu pedido de titulação definitiva da terra. Lá fez roças, utilizando-se de seus inúmeros escravos.

O historiador cantagalense Acácio Ferreira Dias afirma em sua "Terra de Cantagalo", que Antônio José foi Procurador da Câmara da Vila de Cantagalo, sendo empossado a 10 de outubro de 1816.

Antônio José faleceu em Nova Friburgo, em sua fazenda denominada Nossa Senhora da Boa Vista. No inventário se diz que morreu no dia 26.

"Aos vinte e Sete dias de fevereiro de mil oito centos e trinta faleceu Antônio Joze Teixeira Penna natural de São Salvador da Ribeira da Penna, cazado com Marianna Roza da Silva morador no termo desta Freguezia. Foi encomendado e Sepultado no cemitério da Irmandade do Smo Sto e para constar fiz este assento que por ser verde assignei. O Vigario Jacob Joye"

Deixou fazenda de 1/2 légua quadrada em Nova Friburgo, com 61 mil pés de café, casa (assobradada, atelhada, forrada e rebocada), paiol, senzala, 2 moinhos, um chiqueiro. Havia ponte de serventia na fazenda. Era irmão na Ordem Terceira de São Francisco de Paula.

Mariana já vivia na Aldeia da Pedra (Itaocara) em 1847, pois nesse ano ali são batizados alguns escravos seus. Contam testemunhas que ela já era muito velha, vivia sem ânimo para cuidar de seu patrimônio e que por vezes a razão lhe faltava. Um laudo médico confirmou essa insanidade. Mariana foi para a casa de uma parenta no município de Cantagalo e lá morreu centenária a 26 de abril de 1871, deixando casa na rua principal da Aldeia da Pedra e 26 escravos.

Antônio José e Mariana Rosa tiveram:

1.1 - Miguel Teixeira Pena, que nasceu no Rio de Janeiro por volta de 1819 (ou 1816) e casado em São José de Leonissa (Itaocara) no dia 28 de abril do ano de 1854, já com filhos. Nísia Prudência nasceu cerca de 1829 e foi filha de José Dutra da Silva e Prudência Maria de Jesus. Na certidão de batismo da filha Florisbela, ambos são dados como cariocas o que reforça a indicação de não serem naturais de Itaocara.

Pelo exame da documentação parece que Nísia vivia na casa paterna, em algum ponto entre Itaocara e São Fidélis, pois José Dutra teve filhos nascidos e casados nessas duas localidades. Miguel, por sua vez, deve ter ido do sertão de Cantagalo para a região Itaocara com a mãe (que morreu em São Fidélis) e alguns irmãos. De fato além do casamento de Miguel, só encontramos naquela cidade registro de casamento de um de seus irmãos.

Residiam em sítio vizinho à fazenda de S. Roque, que fôra de Joaquim José da Silveira Pessanha. Seria, talvez, o lugar que hoje se chama Coronel Teixeira, próximo a Itaocara. O caminho desse sítio a Itaocara devia ser difícil, pois Miguel quase sempre batizava os filhos após muitos meses de nascidos.

Ele foi, a 29 de janeiro de 1855 padrinho de batismo de Maria, filha natural de Antônio de Souza Coelho e Maria Clara de São José. Faleceu em sua fazenda no dia 12 de maio de 1874.

Nesse mesmo ano, Nísia foi madrinha, ao lado de João Pereira de Oliveira Durão (dia 20 de novembro de 1874), da neta Florisbela, filha de outra de igual nome.

No batizado do filho Joaquim, Nísia consta com o sobrenome LIVRAMENTO, filha de José Dutra da Silva e Prudência Maria do LIVRAMENTO. Isto nos leva a supor que Prudência Maria seria parenta da mulher de Francisco de Paula Robim, também Livramento.

Nísia Prudência morreu no dia 16 de março de 1878.

Miguel e Nísia Prudência tiveram:

2.1 - Etelvina da Silva Pena, nascida em Itaocara, onde foi batizada, conforme se vê na certidão que transcrevemos:

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

"Aos vinte e dois de Agosto de mil oito centos e secenta e oito nesta freguesia, baptisei e pus santos oleos a inocente Itelvina, nascida a oito meses, filha legítima de Miguel Teyxeira Pena e Dona Nizia Prudencia da Silva: forão padrinhos Delfino Teixeira Pena e Dona Josuina Baldoina da Veiga Pena. E para constar fis este assento que assigno". Vigrº Jose Joaqm Pera Carvº"

Casou-se com José Antônio Teixeira, que nasceu em Viana do Minho, Portugal, no dia 29 de março de 1856, filho de Albano José Teixeira e Isabel Maria Teixeira.

José Antônio veio de sua terra natal em 1865 mais ou menos, quando contava nove anos de idade, com o pai. Não se sabe se nesta ocasião sua mãe ainda vivia.

Em Itaocara conheceu Etelvina, moça muito bonita e filha de família de posses do lugar. Com ela se casou no dia 12 de junho do ano de 1884, como se vê em certidão constante do livro de casamentos da Matriz de São José de Leonissa:

"Aos doze de Junho de mil oito centos e oitenta e quatro, nesta freguesia depois de feitas as admoestações canonicas e sem impedimento algum em minha presença e das testemunhas abaixo assignadaz, por palavra do presente na forma do Sagr. Conc. Trid. e Const. do Bispado pelas duas horas da tarde se receberão em matrimonio Jose Antônio Teixeira, filho legitimo de Albano José Teixeira e Isabel Maria nascido e baptisado em Portugal, no Bispado de Braga; com Etelvina da Silva Penna, filha legitima de Miguel Teixeira Penna e Nisia Prudencia Penna natural desta freguesia onde são moradores. Para constar assigno este. O Vigrº Jose Joaqm Pera Carvº"

Etelvina passou a assinar-se PENA TEIXEIRA.

O casal passou a residir no lugar denominado Batatal. Lá, depois chamado Coronel Teixeira em sua homenagem, vivia do comércio, quer no empório de secos e molhados ao lado de sua casa, quer levando mercadorias aos sítios das redondezas. Geralmente ía a cavalo a essas fazendas, levando artigos e amostras e coletando as propostas de compra de suas mercadorias.

Quando a estrada de ferro Leopoldina criou a estação de Batatal, José Antônio foi seu primeiro agente. A par disto, cuidava de sua produção de cana-de-açúcar nas terras que a ele couberam como herança dos pais da mulher.

Em fins da década de 80 seu lar rompeu-se. É difícil precisar como começou o período crítico do casal. Uma primeira versão diz que José Antônio teria se apaixonado por uma moçoila que viera de São Sebastião do Alto para fazer seu enxoval na casa de Etelvina. Vendo o namorisco entre Leopoldina e seu marido, Etelvina teria abandonado a casa, mesmo com a desaprovação de sua irmã Prudência. Uma segunda versão garante que José Antônio, em suas andanças pelas fazendas das vizinhanças para comerciar seus artigos, conheceu uma moça de nome Leopoldina, filha de um tal de Leôncio (fazendeiro ou capataz) e Perciliana de Castro, mulatos ambos.

Chegando aos ouvidos de Etelvina que o marido estaria flertando com Leopoldina, largou o lar, levando consigo o çapula Albano, com meses de idade.

Uma última corrente assegura que Etelvina teria fugido de casa com o agente da estação de Batatal para Boa Sorte. Desgostoso, José Antônio fez ver a Leôncio que a filha estaria melhor em companhia dele, José Antônio. É difícil dizer o que realmente teria acontecido apenas pela análise documental, eis que José Antônio teve com Leopoldina seu primeiro filho em fevereiro do ano de 1891, como consta da certidão que transcrevemos, e Etelvina teve uma menina de nome Etelvira em junho do mesmo ano, como se vê na certidão abaixo.

"Certifico que revendo neste meo Cartorio o terceiro livro de registro de Nascimentos no mesmo afolhas Cento e Cessenta e cinco e verso achou-se o assentamento cujo theor abaixo segue: 'Numero dusentos e cincoenta e trez' Aos quatro dias do mez de Junho de mil oitocentos e noventa e um, neste primeiro districto de Paz, Cidade de S. Fidelis, Estado do Rio de Janeiro compareceo em meo Cartorio Secundo Pinheiro e em prezença das testemunhas abaixo assignadas declarou: Que no dia dois do Corrente, a meia noite, nesta Cidade, nasceo uma criança do sexo feminino, de nome 'Etelvira' filha natural delle declarante Secundo Pinheiro, natural de Macahé e de Etelvina Penna, natural de S. José de Leonissa, ambos residentes nesta freguesia, sendo avos paternos da mesma criança Anastacio Pinheiro e Antonia Pinheiro e materno Miguel Penna e Nizia Penna, do que para constar lavrei este termo que commigo assignão o declarante e as testemunhas José Manoel de Senna Pires e José Cupertino de Castro, residentes nesta freguesia. Eu José Agostinho Nogueira da Rocha Escrivão que o subscrevo e assigno. - José Agostinho Nogueira da Rocha, José Manuel de Senna Pires. (a) José Cupertino de Castro".

Contudo, as datas parecem indicativas da primeira ou segunda versão.
E o registro de batismo informa-nos de que:

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

"Aos treze de Novembro de mil oito centos e noventa e dois, na Matris de São Fidelis baptisei solememente e pus os Santos Oleos a innocente Itelvira, nascida a desoito mezes, filha natural digo filha adulterina de Etelvina da Silva Teixeira; forão padrinhos Jose Cupertino de Castro e Elvira Candida de Barros, e para constar fis este assento. Vigrº Encomdo. Luiz Theodoro Soares"

Os fatos expostos parecem desmentir a versão de que Etelvina, doente dos pulmões, tenha ido morar com a irmã Francisca na Colônia, perto de São Fidélis. E não achamos na Colônia a certidão de óbito de Etelvina.

José Antônio chamou a sua casa Leopoldina de Castro, como já vimos. A certidão de casamento de Otávio, filho do casal insinua que José Antônio e Leopoldina eram casados no civil, ao dizer que Octavio era filho "civilmente legítimo de José Antônio Teixeira e Leopoldina de Castro". Mas isto não pôde ser confirmado pelos filhos e netos do casal.

A 15 de dezembro de 1897 falecia Etelvina. Dizia seu filho Alberto Antônio que ela foi sepultada na Colônia, de onde surgiu a versão de que ela residia naquele bairro. Afirmava esse seu filho que já dormira sobre a sepultura da mãe. Não conseguimos, contudo, identificar esta tumba dentre as que lá existem.

José Antônio, que até 12 de abril do ano seguinte não houvera providenciado inventário, recebeu intimação do juiz de paz para fazê-lo sob pena de perder a herança. Herança que compreendia cinco alqueires de terras em capoeiras e matos, casas, forno para cozer telhas e alguns animais.

Ele se naturalizou brasileiro, tendo ascendido em Itaocara ao posto civil de tenente-coronel. Além de canavicultor, tendo construído engenho de aguardente com o rótulo de "Teixeirinha", montou uma fábrica de cerâmica a partir dos fornos herdados da mulher. Em Cantagalo fez construir uma fábrica de chapéus "palheta" no andar térreo do sobrado onde residia.

Em Batatal, bairro de Itaocara, além do engenho e da fábrica de cerâmica, foi proprietário de vasta área de terras para cultura. Comprou as fazendas Sereno, Namorado e Cachoeira Alegre, esta logo vendida ao sogro de seu filho Luís.

Em Cantagalo vendeu uma casa a Avelino Antônio Martins em 1900. Neste negócio teve um grande desgosto, pois foi acusado através de carta, de velhaco e mercenário. Avelino Antônio a considerava superavaliada. Entristecido, José Antônio simplesmente absorveu a acusação.

José Antônio iniciou-se na Maçonaria no dia 12 de novembro de 1898, como vê num certificado que ficou na posse de sua neta Maria Lúcia Teixeira, em Itaocara. Apesar disso -- e se sabe da proibição que pesava sobre os católicos de então de filiarem-se à maçonaria --, sempre foi convidado para padrinho das cerimônias de Lavapés da Quinta-feira Santa, o que mostra a benevolência com que a Igreja tratava seus poderosos e ricos fiéis.

Um prazer a que o coronel sempre se entregou foi viajar. Inúmeras vezes foi à Europa, lá se demorando por meses a fio. Como as fotos que de lá chegavam sempre o mostravam acompanhado por belas mulheres, criou-se a idéia de que ele mantinha um outro lar. Houve quem dissesse que a própria Etelvina lá vivia, tendo sido forjada sua morte. Alegam os defensores dessa idéia que José Antônio jamais se casou com Leopoldina, o que poderia regularizar a situação dela e dos filhos. Mas essa hipótese fantasiosa não resiste a um primeiro exame, eis que, legalmente, José Antônio era viúvo e, como tal poderia casar-se.

Em 1920, por exemplo, esteve em Portugal e lá visitou Braga, Guimarães, Fafe, Vila do Conde, Porto, Lisboa e outros locais. Depois disso esteve ainda por três outras vezes na Europa, viajando nos navios "Aurigny", "Auvigny" e "Asie", respectivamente.

Sempre atencioso com os netos, jamais negava alguma palavra de estímulo a eles. A Jair, certa ocasião, enviou cumprimentos por estar aprendendo a escrever. Talvez soubesse não ter sido o neto a escrever-lhe um bilhete que recebera. Contudo, não negou seu estímulo, o que encheu Jair de orgulho por ter sido elogiado pelo avô.

Um outro prazer do qual não abria mão era o de bem comer. Seu desjejum consistia de pão-de-ló e um copo de vinho português. Não admitia mesa que não fosse farta.

Sentindo-se doente chamou um médico, que diagnosticou um crescente estreitamento da laringe. Disse ao coronel que, operado, ele poderia viver ainda por muitos anos, porém teria de submeter-se a dieta alimentar. José Antônio preferiu continuar com o prazer das refeições, reafirmando que de nada valia continuar vivo se não podia comer bem.

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

Tempos depois, arrastando sua doença, estava em Batatal quando seu estado agravou-se. Fraco por não se alimentar convenientemente, posto que apenas podia ingerir líquidos, repousava na cama quando chamou os filhos e decidiu ir para Cantagalo. Antes, contudo, ordenou que o levassem a uma janela na cozinha da qual se divisava o rio Paraíba. Os filhos perguntaram porque ele queria ser levado até lá, a que José Antônio nada respondeu. Só na cozinha, amparado pelos filhos, ele disse que desejava ver pela última vez o rio, pois sentia que não mais teria oportunidade de fazê-lo.

De fato, levado a Cantagalo, José Antônio faleceu na rua Benjamim Constant, nº 11 (atual rua Chapot Prevot), às quatro e meia da tarde do dia 2 de dezembro de 1924. "Causa mortis": inanição estanose do esôfago.

Seu corpo foi levado para Itaocara em trem especial da Leopoldina. Quando seu filho Alberto foi pagar pelo transporte, o representante da linha ferroviária se recusou a receber o dinheiro, alegando ser aquela a última homenagem da Leopoldina a seu primeiro agente no local.

De Itaocara o cortejo partiu para Batatal, acompanhado pela banda "Amizade", lá sendo sepultado em mausoléu na parte mais alta do cemitério que está postado na encosta de um morro.

Leopoldina continuou residindo em Batatal, onde faleceu às 13 horas do dia 20 de dezembro de 1954, com 92 anos.

Em homenagem à memória deste homem, foi decidido pela família reunir-se anualmente. A 11 de outubro de 1981 se deu o I Encontro Nacional da Clã dos Teixeiras do Batatal.

Almirante (pseudônimo de Renato Teixeira, neto do coronel) publicou um caso que lhe foi narrado por Manuel Ribeiro Gonçalves. Diz-se que o fato teria ocorrido em 1926, mas deve haver erro, pois o coronel morreu em 1924, como vimos. Diz o artigo, denominado "Juca e Rosita".

"Na casa comercial do coronel Teixeira trabalhavam, além de Manoel, seus filhos e um rapaz de nome Juca, que o coronel tinha criado.

Juca e Rosita, filha do coronel, cresceram juntos e na adolescência apaixonaram-se. Logo que o pai da moça descobriu o romance, tratou de impedir sua continuação e começou a tratar o Juca com muita frieza, proibindo Rosita de encontrar-se com ele. Ao contrário do que o coronel esperava, a paixão dos dois namorados aumentou ainda mais.

Num certo domingo, Rosita estava sentada ao pé de uma árvore quando viu chegar Arlindo, um rapaz conhecido. Este, querendo brincar, apontou a espingarda para a moça dizendo que ia atirar. Desastrado, ao mover a arma, ela atirou e atingiu a moça, ferindo-a gravemente.

Mesmo sabendo que sua filha ia morrer e negando-se a atender aos pedidos da moça, o coronel recusou-se a deixar o Juca entrar no quarto para despedir-se dela.

No dia seguinte, movido pelo remorso, os parentes concordaram que o Juca fosse ao enterro.

O rapaz chegou chorando e depositou em cima do corpo de sua amada um buquê de rosas brancas e um bilhete que dizia "Rosita, você que gosta de mim, venha buscar-me, pois não posso ficar sozinho neste mundo".

Naquele dia e nos dias seguintes o assunto foi comentado com emoção e espanto, que mais aumentaram quando alguém trouxe a notícia de que o Juca tinha morrido de um colapso às quatro horas, mesma hora do enterro de Rosita".

José Antônio e Etelvina tiveram:

3.1 - José Antônio Teixeira Júnior, nascido no dia 3 de março de 1885 e casado com Judith de Moraes Teixeira, nascida em 1883, filha de Antônio de Moraes Teixeira (1845-1919) e Cândida Nunes Teixeira.

Judith sofria de diabetes e morreu de complicações consequentes de uma queda.

O casal herdou a fábrica de aguardente Teixeirinha, a qual manteve por muitos anos.

Foram pais de:

4.1 - Maria José, casada com Carlos Pereira Guimarães, sobrinho do almirante Protógenes Pereira Guimarães. Carlos já estava morto em 1981.

Deles vieram:

5.1 - Ubiratã.

5.2 - Jurema.

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

4.2 - Mário de Moraes Teixeira, nascido em 1912 e casado no dia 30 de dezembro de 1950 com Leda de Poly, filha de Luis Poly.

Mário foi deputado estadual e vivia em Nova Friburgo.

O casal teve:

5.1 - Marileda, nascida a 8 de dezembro de 1951(?), casada.

5.2 - Moema, casada no dia 23 de janeiro de 1982 com Antônio de Assis, filho de Francisco de Assis Novelino Pacheco e Valdez de Rezende Rocha.

5.3 - Mário Luís.

4.3 - Maria Cândida, casada com Romeu Durão, filho de Rômulo Durão e (...) Cândida.

Pais de:

5.1 - Magali, casada com (...) Novelli.

5.2 - Marli (?), casada com (...) Beliardi.

4.4 - Messias de Moraes Teixeira, nascido em 1914 e casado com Conceição Léa Bittencourt Cortes.

O casal teve:

5.1 - João Carlos.

5.2 - Judith.

5.3 - Regina Celi.

4.5 - Renato de Moraes Teixeira, casado em Lorena (SP) com Jussara (...), filha do general João Pereira de Oliveira e Iná (...).

Renato foi militar.

O casal teve:

5.1 - Uiara, casada, mas cujo casamento foi anulado.

3.2 - Alberto Antônio Teixeira Dutra, que nasceu em Itaocara (RJ) no dia 4 de agosto de 1887.

Alberto assistiu com três anos de idade à separação de seus pais, quando sua mãe foi residir em outro local e pouco mais tarde faleceu. Talvez procurando compensação pela falta da figura materna apegou-se à madrastra Leopoldina de quem ele gostava a ponto de, anos depois, dar seu primogênito para que ela o batizasse. Ele se lembrava que Leopoldina costumava fazer o prato de comida dele para ele ir almoçar na estação ferroviária (que fica próxima da casa) onde seu pai trabalhava. Suas cartas ao pai e à madastra bem mostravam o respeito e amor que lhes dedicava.

Pelo afastamento de Alberto da mãe, ele pouco sabia de seus parentes maternos. Exemplo disso era sua crença de que o avô materno era um português de nome Manuel Dutra e que sua avó materna foi uma índia capturada por Manuel e batizada com o nome de Nísia. História sem qualquer fundamento, como relatamos adiante.

Apesar de seu pai ser próspero negociante, Alberto Antônio foi trabalhar em Cordeiro, cidade próxima a sua terra, com apenas quatorze anos de idade. Não se adaptando, arrumou emprego na casa comercial Oliveira, Vaz & Cia., no Rio de Janeiro. Na mesma cidade, tempos depois, no estabelecimento do Sr. Costa Sol de quem se conservou fiel amigo mesmo após deixar o emprego.

Com cerca de vinte anos foi para Campos a 29 de abril de 1908, parece-nos que contra o desejo do pai, pois em carta de agosto de 1917 declara-se sentir exilado desde 1908. Lá se ocupou do laboratório químico da Societé Brasileira Sucrerie "Usina Cupim". Nessa época, por amizade ao telegrafista da "The Leopoldina Railways", ficava, às vezes, no posto para que seu amigo fosse namorar.

Alberto Antônio sempre aliou seu caráter forte, impoluto e reto a um espírito empreendedor e dedicado. Conquanto não tivesse mais que o curso primário -- sempre dizia que estudara apenas até o quarto livro de Felisberto de Carvalho, eminente educador da época --, foi autodidata e, por isso, muito pôde construir. Chegou mesmo a orientar

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

advogados em várias causas. Dotado de raro pendor para o desenho, arquitetou diversas pontes e pontilhões que ainda hoje existem, tais como a ponte sobre o rio Pomba, em Baltazar, na fronteira entre os Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, outra em Dores do Macabu e uma terceira em Ururaí, etc.

Em 1920, ainda solteiro, adquiriu um engenho de álcool e vinte hectares de terras. Também teve, nesses anos, pedreira em Niterói. Fornecia cana para usinas, dormentes para a Leopoldina e pedras para construções.

Em Campos, foi convidado por uma conhecida, de apelido "Moreninha", a visitar a fazenda Lagamar, de Florentino Pereira de Souza. Essa fazenda era um modelo de propriedade bem cuidada em Campos, daí o convite. Chegando à fazenda foi recebido pelo dono com as honras de que os campistas tanto sabem recepcionar seus visitantes. Introduzido na sala, estava conversando com Florentino enquanto as filhas deste, que estudavam em outra sala com professora particular, procuravam "bispar" quem havia chegado. Só Maria foi admitida na sala, e apenas para servir café. Instada pelas irmãs para falar do moço bonito que conversava com seu pai, Maria nada soube responder. Disse não ter observado como era o tal moço.

Maria, nascida em Santo Amaro, distrito de Campos, filha de Florentino Pereira de Souza e Úrsula Maria das Virgens, veio ao mundo no dia 25 de setembro de 1895. Essa data era, até há poucos anos atrás, tomada erroneamente como setembro de 1897. A confusão se explica da seguinte forma: indo a Vitória (ES), a negócios, Florentino encarregou um sócio, cujo nome desconhecemos, de registrar no Cartório o nascimento da filha. Por esquecimento deste e excessiva confiança de Florentino no amigo, o registro não foi realizado e o caso esquecido até que em 1897 foi descoberta a inexistência daquele ato e corrigida a deficiência. Daí em diante a data de registro foi tomada como a de nascimento.

Ela, para que os criados não a chamassem pelo nome, liberdade inadmissível naquela época em Campos, recebeu o apelido de "Branca".

Desde moça, Maria vivia retirada em oração. Com isso se preocupava o pai, que dizia: "Minha filha, eu gosto que você reze. Também minha mãe era dada às orações. Mas, você precisa se distrair". Apesar das admoestações dele, a única festa de que Maria realmente gostava era a de Santo Amaro, quando havia cavalhada. Além de rezar, Maria era também muito dada à leitura de bons livros e ao manuseio de seus dicionários dos idiomas de Descartes e de Camões. Com isso adquiriu um bom vocabulário de francês e português. Gostava, também, de música e poesia.

Nos anos 1906, Maria e as irmãs tinham por professor o português Sr. Morgado. Branca era travessa, mas como sempre obedecia ao mestre, mesmo quando esse errava, era sempre considerada inocente "a priori". Ele dizia "Dona Marica não foi. Foram esses capetas ...". Maria repetia "Portugale", "Brasile" etc, arremedando o mestre, mas esse não percebia a caçoada. Quando mataram D. Manuel, de Portugal, o Sr. Morgado ficou muito sentido. As meninas simularam consternação, mas riaram do sentimento do preceptor.

Depois, cerca de 1908, elas eram acompanhadas por Benedita de Moraes. Foi ela quem foi beber água e viu Dutra conversando com Flor Pereira. Comentou com Antonia, que logo se interessou por vê-lo também.

Em 1910 Florentino conversava numa farmácia com o Dr. Miranda (casado com Alexandrina, sobrinha de Flor Pereira). Comentou que Branca sabia mais que os professores que tinha. Ela era quem lia os jornais para ele quando o Dutra não estava. O dentista Antônio Perestrelo indicou sua prima Domitília Nunes Perestrelo (viúva do desembargador Francisco Perestrelo) para o ofício e ele aceitou a sugestão.

Alberto levava namoradas para visitar a fazenda de Florentino. Uma ocasião quis namorar Antonia, filha do dono da casa, mas Domitília (dona Neném), professora das meninas, aproximou Alberto de Branca.

Os habitantes de Santo Amaro tiveram suas atenções despertadas por aquele rapaz de barba pequena e bem aparada. Aquele tipo de moda Alberto Antônio trouxera do Rio e era absolutamente nova em Santo Amaro. Como todo santamarense que se preze procura um apelido para as pessoas, logo Alberto Antônio ficou conhecido como "Barbadinho". Mas, embora ele ainda hoje seja lembrado com este apelido, a alcunha não vingou. Maneco, filho natural de Florentino chamou-o de "Moninho", associado a barba a

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

pelos, Florentino então corrigiu para o menos ofensivo "Maninho", que prevaleceu até sua morte.

No ano de 1920, em Portugal, o pai de Alberto Antônio recebe carta do filho, onde este declara em desejo "já antigo" de casar-se. De fato, no ano seguinte, a 29 de março, mesma data de aniversário do pai do noivo, Alberto Antônio e Maria se recebem matrimonialmente na casa de José Antônio, em Cantagalo, com toda pompa. Para que se aquilate a festa que se seguiu, basta contar que duas orquestras animavam-na: uma no jardim e outra no salão.

Finda a comemoração, o casal ficou em Cantagalo, mesmo com a inconformidade de Dona Úrsula, que queria levar a filha de volta de qualquer maneira.

Alberto Antônio foi proprietário da Agência Dutra, de despachos, a primeira do gênero em Campos. Quando o pai faleceu, herdou uma fábrica de chapéus, que transferiu de Cantagalo para Campos. Por esses anos, para evitar homônimos, Alberto passou a assinar-se também DUTRA, apelido tomado ao avô materno.

O casal primeiro morou em casa na Beira-Rio, onde é hoje do Clube Saldanha da Gama. Mudou-se para a Rua Santos Dumont, onde nasceu a filha Maria Izabel. Em agosto de 1923 foram para chácara na Rua Formosa.

Em 1923 comprou a Fazenda Panorama, em Dores de Macabu, onde plantou cana-de-açúcar. Essa fazenda ficava perto da linha da "Leopoldina Railways". Alberto conseguiu dessa companhia um desvio para descarga de vagões (na porteira da fazenda) e um posto telegráfico. Assim, quando um trem saía com carga para o local, ele era avisado pelo telégrafo. Nesse desvio, Alberto mandou instalar um posto de fornecimento (aguardente, açúcar, sal, madeiras etc.). Desse modo, quando os fazendeiros iam buscar produtos que vinham pelo trem, aproveitavam para se abastecer sem ter de ir a Campos.

Conseguiu uma autorização para que o "rápido" (trem de passageiro para o Rio) fizesse uma parada de minutos nesse mesmo ponto, o que era útil para as famílias da região.

Muitos anos depois, em 1947, adquiriu as fazendas "Córrego do Viana" e "Socego" (sic !) em Guarulhos (hoje Guarus).

Em novembro de 1924 mudaram-se para palacete assobradado na Praça São Salvador, onde pagavam 500 mil réis de aluguel. Em setembro de 1927 foram para uma casa na rua Alberto Torres.

Em junho de 1928 Maria foi veranear em Friburgo. Alberto ficou cuidando de sua fábrica de chapéus. Na volta, a família ficou hospedada em São Fidélis, na casa de Nilo Teixeira. De volta a Campos, foram para casa na Rua dos Bondes, onde estavam vivendo no tempo da guerra.

O artigo denominado "O Judas", de Waldir Carvalho, rememorava esse tempo. Transcrevemos um trecho dessa crônica:

"Próximo ao quartel da polícia, hoje dos bombeiros, morava uma filha de Florentino Pereira, nossa prima Branca. Não consigo esquecer das frondosas figueiras juntas do Paraíba, sempre repleta de pardais, em cuja sombra a banda militar costumava ensaiar seus dobrados. Mas, no quintal da prima Branca, havia, se não me engano, um pé de abio. Em seu tronco o Carlito e a Maria Izabel acharam de amarrar o Judas. Às dez horas, quando os sinos das igrejas começaram a tocar, o Tecido e a Carangola a apitar anunciando a Aleluia, fui chamado às pressas para participar do castigo ao Judas..."

Maria sempre gostou de música e aprendeu a tocar piano quando menina. Nessa casa teve uma séria queda nas escadas e fraturou diversos ossos da mão direita. Por isso, nunca mais pôde tocar esse instrumento. Restou-lhe a religião. Em Campos pertencia à Associação de S. Vicente de Paula e à Associação do Sagrado Coração de Jesus, da então Catedral de S. Salvador (hoje Basílica Menor). Foi justamente a religião que lhe deu forças para suportar a ida de seu primogênito para os campos de batalha da Itália. Sua fé no amparo do Coração de Jesus era inabalável.

Em 1945 a família ficou hospedada no Hotel da Estação. Daí foi para a pensão de Alberto Amaral, na rua do Sacramento. Pouco depois foram para casa na rua Barão da Lagoa Dourada, onde hospedaram o neto Marco Polo em 1955.

Alberto Antônio bebia um bocado, embora nunca tenha ficado trôpego ou cambaleante, nem dormindo na rua por isso. Entretanto alguns casos pitorescos

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

aconteceram por esse seu fraco. Quando marcava uma conversa, dizia: "procure-me no escritório", referindo-se ao boteco onde bebia.

Gostava muito de levar o sobrinho Mário com ele. Mário era grande, ao contrário de Dutra. Certa feita tomaram tantas, que Alberto chegou em casa com um paletó enorme, enquanto Mário levou um pequeno. No dia seguinte destroçaram as roupas.

Já idoso, no Rio, estava com o genro Pedro e a certa altura foi com ele para um barzinho que ficava no "hall" de entrada do apartamento do filho Carlito, onde Dutra morava. Pedro estranhou o descuido do sogro: "Seu Dutra, dona Branca não vai perceber que estamos bebendo?". Mas o velho não era bobo: "Calma! O vento vem da cozinha para a sala. O cheiro não pode ir para lá."

Gostava muito da companhia feminina e várias vezes levava a sobrinha Gilda para acompanhá-lo. Ficava bebendo cervejas e contando anedotas num barzinho da Av. Rio Branco ou noutro no cais de embarque da balsa Rio-Niterói.

Em 1956 o casal deixou Campos, vendendo sua casa na rua Barão da Lagoa Dourada para viver com o filho Carlos Alberto, recém-casado, no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, vivendo de rendas, parcas por sinal.

Lembramo-nos do vovô como uma pessoa relativamente baixa (cerca de 1,65 m de altura), muito moreno, algo gordo e com ralos cabelos, que penteava de um lado para outro tentando esconder a calvície.

Vovô tinha mais ou menos a mesma altura e cabelos fartos e brancos. Dizem que tinha gênio pacato (sangue de barata, dizia vovô) até a ida do filho para a guerra. A partir daí passou a ficar muito encruqueira, exceto para com os netos.

Nessa casa e sem ocupação outra que pequenos consertos na própria casa, a pitada nos cigarros que ele mesmo fazia e a leitura de jornais, Alberto Antônio, homem dinâmico, ia envelhecendo. Salvo algumas viagens à casa da filha em São Paulo ou a Campos, onde morava o filho caçula, ele pouco saía da apartamento. Maria ainda andava um pouco, indo diariamente à missa na igreja de Santa Terezinha.

Neste estado de coisas, Alberto Antônio vivia até que, em agosto de 1968 sentiu-se muito mal. O filho Carlos Alberto fiscal do INPS, estava a serviço em Cornélio Procópio (PR). Sua filha e o genro Pedro foram ao Rio buscá-lo para recuperar-se em São Paulo e souberam que fôra internado pelo sobrinho Nilson no Hospital Nossa Senhora do Carmo, de cuja Ordem Alberto Antônio era irmão. Porém pouco pôde ser feito e a 25 de agosto de 1968 ele desaparecia. Seu corpo foi sepultado no cemitério da Ordem (no Caju), no Rio de Janeiro mesmo às exéquias compareceram inúmeros parentes e amigos, inclusive o Dr. Ernane Galvêas, que, como Dutra profetizara muitos anos antes, chegou a ministro, em janeiro de 1980.

Em fins de 1986 ela foi morar em São Paulo, com a filha que havia ficado viúva. Como Maria Izabel morreu de repente (Branca só iria saber disso muitos meses depois), os filhos disseram que a irmã estava internada em estado grave e, por isso, iriam levá-la (Branca) para Campos, para a casa do filho Betinho.

Por azar, naquela manhã faltou luz no prédio em que Maria Izabel morava. Branca. Branca foi descida os seis andares em uma cadeira levada pelos netos Marco Polo e Paulo de Tarso. Essa cadeira levou Maria Izabel ao hospital onde morreu e também Branca de São Paulo, para sempre.

Ficou alguns poucos meses no Rio, passando a morar na Casa de Saúde São Luís (no bairro do Caju) a 6 de dezembro de 1987. Quase cega e surda, embora não de todo alienada do mundo. Recebia visita diário do filho Carlos Alberto. Entretanto, não há como negar, que ela vivia solitariamente. No Natal de 1988 os netos de São Paulo foram comemorar a data com ela porém Branca não mais os reconheceu. Era o princípio do fim. Debilitada por se recusar a comer ela foi levada à enfermaria do asilo, onde era alimentada com soro. Poucos dias depois, a 8 de janeiro de 1989 entregou, por fim, sua alma a Deus. Seu corpo foi depositado no cemitério do Caju, onde o marido descansava.

Alberto Antônio e Maria tiveram:

4.1 - Maria Izabel Teixeira Dutra, que nasceu em Campos a 13 de maio de 1923 e foi casada em Campos, na Igreja de N. S. do Carmo, realizando juntos os atos civil e religioso, no dia 5 de janeiro de 1949, às oito horas da noite com Pedro Pheneé Silva. Ela cresceu ao nome os sobrenomes Pheneé Silva do marido.

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

Pedro nasceu na Rua dos Guaianases, no bairro do Bom Retiro, em São Paulo (SP), no dia 12 de novembro de 1922, ainda que tenha sido registrado como sendo de 19 do mesmo, filho de Francisco Leôncio da Silva e Alice Pheeny de Camargo. Foi batizado na Igreja de Santa Efigênia a 8 de julho de 1923 por José Octávio da Silva e Eudóxia de Mattos Leme sob o nome de PEDRO MACÉLIO.

Perdeu o pai muito cedo, quando sua atenção ainda era dedicada apenas aos estudos e às "peladas" que jogava com frequência nos campos vizinhos de sua casa. Com a morte do pai, a vida em casa sofreu um reajuste forçado: para auxiliar a mãe na educação de Pedro, Francisco (filho de Alice e irmão do Pedrinho) deixou o Seminário em que estudava. Coincidência ou obra divina, Pedro recompensou esse sacrifício abrigando, anos mais tarde, o último suspiro do irmão em sua casa, no bairro do Jardim Paulista.

Ele era canhoto, mas acredita-se que sua mãe tinha forçado a destra, pois algumas atividades (tais como lançar objetos ou chutar bolas) ele o fazia com a esquerda. Entretanto, escrevia com a mão direita.

Pedro sempre foi aficcionado do cinema. Conhecia a todos os artistas das telas e todas as películas da época. Para custear esse "hobby", cobrava de "Mina", a segundo esposa do seu avô, alguns tostões como remuneração sempre que ela lhe pedia um favor. Assim quando ela, com a vista fraca, chamava Pedrinho para enfiar a linha na agulha para suas costuras, já sabia que isso iria custar-lhe algum.

"Mina" tinha um baú de madeira, onde guardava seu dinheiro. Vez por outra percorria a casa falando aflita "meine Schlüssel, meine Schlüssel..." (minha chave, minha chave...). Não é difícil perceber que nessas horas Pedrinho havia "aliviado" a chave do baú para conseguir alguns tostões a mais para balas, bolinhas de gude etc.

Como forma de assegurar a educação dos filhos se lhes faltassem os pais, Alice dava os filhos para senhoras ricas batizá-los. A Dona Eudóxia de Mattos Leme coube batizar o Pedrinho. Dela, o titular lembra que num de seus aniversários a mãe o levou para visitá-la. Por ser rica a madrinha, Pedro contava ganhar uma bicicleta de presente. Mas Eudóxia lhe deu mil e trezentos réis quando o aluguel de uma bicicleta por uma hora custava mil e quinhentos réis. Dizem que Alice saiu mais decepcionada que o filho da casa da comadre.

Pedro fez o grupo escolar e entrou para o ginásio das Perdizes. De lá foi para o Ginásio São Paulo.

Mas, faltando o pulso firme do pai, Pedro crescia quase sem controle. Em 1934 o irmão mais velho levou-o a Jaú. Sem que Pedrinho esperasse, se viu só, longe dos parentes e internado no Ginásio Municipal de Jaú, dos Primostatenses. Esta "traição" do mano parece ter calado fundo no garoto, tanto que Pedro sempre reclamou disse e dizia ter com muitos conhecidos, mas poucos amigos.

Com pena, Dona Alice tirou-o de lá no ano seguinte. Talvez a memória dela ainda registrasse o que houvera com sua madastra. E nesse ano (1935), Pedro foi empregado como atendente no escritório de advocacia do Dr. Osvaldo de Brito, com um salário de trinta mil réis mensais. Pouco depois, foi entregador na Schilling, Huller & Cia. durante cerca de quatro meses. Em 1938, na inauguração do Cine Metro (que estreiou com a fita "Melodia na Broadway"), colocou-se com o salário de 75 mil réis por semana. Mas pouco tempo (dois meses) ficou neste emprego. Começou, então, sua vida como bancário. Esteve no Banco de São Paulo (1940-41), no Banco da América, no Banco Mercantil de São Paulo e no Banco Português do Brasil (hoje incorporado ao grupo UNIBANCO).

Quando trabalhava no Banco Português, seu irmão Antônio conheceu um Sr. Horácio, dono de uma firma de propagandas em rodovias. Horácio procurava alguém de confiança para caixa executivo, oferecendo um salário de 2.500 réis (o dobro do que Pedro ganhava no banco). Aceitou e foi trabalhar no Rio de Janeiro. Cerca de um mês depois, tendo um parente desempregado, Horácio chamou Pedro e comunicou-lhe que breve teria de despedi-lo. Como a polícia carioca só aceitava como documento a carteira de trabalho, Pedro pediu seu registro. Horácio "cochilou" e assinou a dita carteira. Com ela, Pedro exigiu dois salários pela demissão.

Consultado o advogado da firma, o patrão teve de pagá-los. Isto foi em princípio de 1945.

Em 1946 a serviço do UNRRA - União Nacional de Reabilitação e Reconstrução Aliada, programa das Nações Unidas do qual o Brasil fazia parte, Pedro teve a oportunidade de visitar diversos países, como Estados Unidos, Trinidad-Tobago, Itália, Iugoslávia, Grécia e Ilhas Canárias, viajando de navio e de hidroavião.

Na volta, trabalhou no Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais (1949), sendo transferido para Campos a pedido. De lá, novamente por sua solicitação, voltou a São Paulo. No dia 17 de abril de 1950 ingressou no Banco do Estado de São Paulo, indicado de seu irmão João Pheaney.

Fato importante ocorrera com ele alguns anos antes. Em 1945, quando o pe. Pheaney voltava da guerra, a família foi esperá-lo no porto do Rio de Janeiro. Hospedaram-se numa das pensões do Rio, onde morava a jovem Maria Izabel, estudante da Faculdade Santa Úrsula, na capital da República.

Pedro foi acompanhar Maria Izabel até a Estação Leopoldina, eis que ela estava indo em férias para sua terra. Era 13 de julho de 1945.aneiro

Não mais a teria visto se o padre tivesse chegado naquele dia. Ocorre que o navio atrasou e a família Silva teve de voltar ao Rio alguns dias mais tarde. Desta feita, Maria Izabel aceitou a côrte do paulista ("botocudos de São Paulo" era seu conceito inicial sobre os Silva, como nos declarou há poucos anos).

Maria Izabel viveu em Campos, onde estudou até 1936 no Externato Imaculada Conceição com a insígne mestra campista Maria Benedita de Jesus Gouveia. Finda esta fase de sua vida escolar, ingressou com a terceira melhor média no "Liceu de Humanidade de Campos", sempre se destacando por seus conhecimentos do vernáculo. Terminou o ginásio em 1941, último ano em que esta fase teve duração quinquenal. Iniciou o curso clássico (hoje extinto, tal como ocorreu com o científico; englobados que foram pelo segundo grau), porém não o concluiu pois em 1944 foi prestar vestibular no Rio de Janeiro. Principiou o curso de Letras Clássicas na Faculdade de Ciências e Letras do Instituto de Santa Úrsula. Atendendo a sugestão de seu professor catedrático de Latim, e depois padrinho de casamento, Dr. Jerônimo Ribeiro, transferiu-se para a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Sua formatura foi noticiada no jornal carioca "A Manhã", em edição de 23 de dezembro de 1947, página 5, nos seguintes termos:

"Com invulgar brilhantismo, colou grau, ontem, pe la Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, a senhorinha Maria Izabel T. Dutra, filha do casal Alberto Antônio T. Dutra - Ma P. T. Dutra, da sociedade de Campos."

Formada, Maria Izabel voltou a Campos, onde lecionou grego e latim no primeiro curso clássico noturno do Liceu. Seus alunos eram antigos colegas que não tiveram oportunidade, por exercerem profissões diuturnamente, de completar o programa do curso. A propósito, todas as professoras do período noturno do Liceu nesta ocasião eram antigas colegas dos alunos. E isso trazia a curiosa situação de ex-colegas tratando-se por "o senhor", "a senhora". A propósito, esse tratamento era voluntário e apenas uma das professoras o exigiu. Era a única tratada por "você", por picardia dos alunos e ex-colegas.

Assim que se casaram foram para São Paulo, mas Maria Izabel não se adaptou de início à nova terra, seus usos e costumes. Educada como moça de família de projeção social e renome numa pequena, ainda que orgulhosa, cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, Maria Izabel contava com criadas para as tarefas domésticas. Sequer sabia cozinhar, quando se casou. E saber cozinhar era considerado na ocasião um atributo fundamental para o casamento.

Também, como consequência do orgulho da abastança dos campistas, Maria Izabel não conhecera provações de qualquer ordem. Isto lhe foi maléfico quando se mudou para a terra de Pedro. Era costume trazido pelos imigrantes um alto senso de economia. Por esse motivo, na casa de Alice, onde foram morar, quando era servido margarina no café o queijo ficava guardado. Se havia bife, cada um recebia um único, e assim por diante.

Além do mais, por ser uma das poucas mulheres na casa, Alice exigia contribuição dela na hora de lavar e passar as roupas do pessoal da casa, apesar de Pedro pagar à mãe pelo uso de um dos quartos da casa.

Nada disso Maria Izabel estava acostumada a fazer na casa dos pais. Sentindo profundamente a mudança, arrumou suas coisas e voltou para Campos.

Um mês depois Pedro também chega a Campos. Ela havia reassumido o magistério e ele obteve sua transferência para a agência do Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais em Campos. Mas Pedro não se adaptou também a Campos e a 5 de setembro de 1949 o casal retornou definitivamente a São Paulo.

Eles reiniciaram sua vida em um quarto alugado, vizinho à casa de Alice. Após a morte dela, foram para uma casa no atual bairro de S. Judas, na Rua Massaranduba. Aí residiram por três anos e meio.

Não raro Pedro varava noites jogando sinuca, para desespero de Maria Izabel, que esperava por ele até raiar o dia. E, quando amanhecia, o trabalho caseiro não permitia a ela dormir. E ele seguia também direto para o banco.

Com o treinamento, logo Pedro se tornou um ás nesse jogo, sendo quase imbatível nele. Várias vezes o leite dos filhos saía das mesas de jogo.

Em 1955 mudaram-se para um apartamento que Pedro comprou, através do IAPB (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários, hoje absorvido pelo INPS), situado no bairro do Jardim Paulista, à beira da Av. 9 de julho.

Pedro, que em 1950 entrou para o quadro de funcionários do Banco do Estado de São Paulo, estabilizou assim sua vida profissional, poucas vezes apelando para outras atividades extrabanco. Lembramo-nos apenas de ter trabalhado numa firma de embalagens, de nome EMPAX, em Santo Amaro.

Curioso comportamento, Pedro gostava muito de dormir (chegou a fazê-lo numa ocasião, por 56 horas consecutivas), mas também trabalhava demais. Anos e anos a fio ele passava noites em horas extraordinárias de trabalho no BANESPA. Lembramo-nos de várias vezes termos separado vias de documento para ele. Apesar disso, gostava de passar por preguiçoso. Exemplo foi o diálogo ocorrido entre ele e o diretor de administração do BANESPA, quando Pedro se aposentou:

Diretor (polido): *"Seu Pedro, o que o senhor vai fazer daqui em diante ?"*

Pedro (em tom confidente): *"O que sempre fiz no BANESPA: NADA".*

O homem o olhou com evidentes sinais de espanto.

Maria Izabel, que se mantivera afastada do magistério desde que abandonou o Liceu em 1949, voltou a ele no ano de 1965, no ginásio estadual "Ministro Costa Manso". Entretanto no ano seguinte, por deslealdade do diretor daquele ginásio, foi dispensada em favor de um apaniguado dele. Sentindo-se decepcionada e injustiçada, ficou afastada do magistério por mais três anos.

Nessa época fez um dos seus mais destacados trabalhos intelectuais: a tradução das orações em grego (prenhes de abreviaturas) existentes na antimensa que mostramos adiante. A tarefa foi realizada para a páscoa dos militares coordenada pelo pe. Pheeney e rendeu a ela agradecimentos pessoais do bispo de São Paulo.

Todavia, para melhorar a renda familiar, precisou voltar a lecionar. Conseguiu lugar, em 1968, na extensão do ginásio estadual "Dr. Carlos Augusto de Freitas Villalva Jr.", que depois se tornou autônomo com o nome de "Ginásio Estadual do Bairro de Indianópolis" e que hoje se denomina "Ginásio Estadual Dr. Ângelo Mendes de Almeida". Nele, sempre estimada pela Diretoria e colegas, foi Presidenta da Associação de Pais e Mestres por três anos. A consideração dos colegas era tanta que sempre ela era procurada para opinar, mesmo sobre tópicos específicos de outras disciplinas que não Língua Portuguesa. Muitos a chamavam de "Enciclopédia Ambulante", meio na troça, em respeito à sua sólida cultura geral.

No período em que esteve afastada do magistério, Maria Izabel foi convidada para Assistente do titular da cadeira de grego na Faculdade de Letras da USP. Pedro, no entanto, se opôs achando a USP em lugar êrmo e distante e Maria Izabel se viu obrigada a declinar do convite.

Pedro sofreu muito com os dentes, até decidir-se por substituí-los por uma dentadura. Certa feita, o neto André tomava banho e brincava na banheira da casa dos avós e viu a dentadura do avô num copo d'água. Não resistiu e comentou para a avó, que lhe dava banho: "Olha! os dentes do vovô estão rindo pra mim..."

Teve também uma doença nos cabelos e quis tratá-lo com criolina (um desinfetante forte). O remédio não deu resultado e ele sempre viveu com coceira e caspas no couro cabeludo. Tinha horror a médico, porém nos anos 60 foi operado de hemorróidas no Hospital da Beneficência Portuguesa. Em 1984, com duas hérnias do tamanho de laranjas, enfrentou novamente o bisturi.

Não passava um dia sem ingerir algum medicamento. Os filhos brincavam perguntando nas refeições se ele queria suco de Cafiaspirina ou de Melhoral.

Reclamava demais de aerofagia e de falta de ar. Porém fumava mais de dois maços de cigarros por dia. No início usava a marca Lincoln (hoje inexistente), sem filtro. Depois passou para Hollywood e Minister. Não aguentava qualquer esforço físico. O Natal de 1985, por exemplo, foi passado na chácara do filho Guto. A casa fica na parte baixa da encosta de um morro. Na volta Pedro teve de subir as escadas (não mais 100 degraus) por etapas.

O casal era complementar. Pedro geralmente casmurro e Maria Izabel sempre alegre e comunicativa. Dois episódios conferem um contorno adequado a eles. Certa ocasião estávamos indo ao acampamento onde Pedro tinha o seu "trailler" estacionado. Em certo ponto deveria ser feito um contorno. Acontece que muito mais no jeito existia um acesso proibido. Travou-se, então, o seguinte diálogo entre o casal:

Pedro: "Vamos por aqui (apontando o acesso irregular) ou é melhor darmos a volta ?"

Izabel: "É melhor ir pelo lugar certo"

Pedro: "Mas são 5 quilômetros a mais..."

Izabel: "Então vamos por aqui..."

Pedro: "E se o guarda pegar, você paga a multa ?"

Maria Izabel era baixinha e pesava mais de cem quilos. Quando os filhos chamavam-na de gorda ou baixinha, invariavelmente respondia com humor:

"Baixinha (ou gorda) é a mãe !"

Quando ela teve infarte em princípios de 1986, pensava-se que iria partir logo. Todavia, o tabaco levou Pedro antes. Segundo Beto, filho do casal, Maria Izabel tinha ido ao Rio visitar a mãe. Pedro e Beto ficaram ouvindo música e conversando até altas horas da noite. Nessa madrugada de 23 de junho de 1986 Pedro passou do sono à eternidade. Exatamente como o irmão Chico e na mesma cama onde ele morrera, Pedro expirou dormindo.

Maria Izabel tinha enorme volúpia para comer. Após o infarte, teve de parar de fumar. Isso não foi grande esforço porque consumia poucos cigarros. Mas reduzir seus 105 quilos, preparando-se para a hipótese de uma operação cirúrgica, foi uma batalha vã. Apesar de admoestada pelos filhos, ela parecia orgulhar-se de comer e desobedecer aos médicos. No último dia que a vimos em São Paulo, ela pegou um iogurte e nele colocou duas colheres de sopa de açúcar. Quando lhe criticamos, ela sorrindo dizia "nhã-nhã", saboreando o doce.

Dormia tarde e acordava cedo a vida inteira. Por isso, quando se sentava para ver televisão logo caía no sono. Numa das últimas imagens que dela se guarda, ela dormia no sofá e sobre ela dormia seu neto Paulo Adriano.

Quando Pedro se foi, Maria Izabel trouxe a mãe para morar com ela.

Na madrugada de 17 de julho de 1987 Maria Izabel chamou os filhos Beto e Tarso e disse sentir dores no peito. Vestiram-se rapidamente e foram para o hospital. Porém já no limiar da porta da casa ela "travou", não conseguindo andar. Puseram-na rapidamente sobre uma cadeira e ela foi levada desse modo para o carro. Ao chegar no hospital, não durou mais que dois ou três minutos.

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

Pedro e Maria Izabel tiveram:

- 5.1 - Marco Polo Teixeira Dutra Phenee Silva, autor destas notas
- 5.2 - Francisco Alberto Teixeira Dutra Phenee Silva, nascido a 7 de janeiro de 1952 em Campos; engenheiro mecânico pela Universidade Mackenzie, solteiro;
- 5.3 - Augusto César Teixeira Dutra Phenee Silva, nascido também em Campos, a 2 de junho de 1953 e casado em São Paulo no dia 27 de setembro de 1979 com Roseli Pereira (depois Pereira Dutra Silva), nascida a 8 de março de 1956, filha de Pedro Garcia Pereira e Norma Rostello Pereira; neta paterna de Joaquim Ignácio Pereira e Guilhermina Cândida de Jesus Pereira; e materna de Giacomino Baptista Rostello e Benedicta Clauss Rostello. Joaquim Ignácio inicialmente tinha o apelido Galenbark e mudou-o para Pereira para que o seu nome não fosse lembrado apenas como o réu (absolvido) de um processo judicial a que respondeu por ter matado, em legítima defesa, um homem.
- 5.4 - Paulo de Tarso Teixeira Dutra Phenee Silva, nascido em São Paulo no dia 1º de junho de 1957, foi funcionário do Banespa, estudante de Comunicação Social da Faculdade Cásper Líbero e professor de natação para cegos. Casou-se a 17 de setembro de 1983 com Márcia Lorenzoni Domingues, filha de Samuel Domingues (que morreu poucos meses após esse casamento) e Ieda Lorenzoni Domingues. O casal se separou judicialmente quatro meses após o conúbio, embora ainda viva junto.

4.2 - Carlos Alberto Teixeira Dutra, nascido em Campos a 11 de fevereiro de 1922 e casado com Nilda Capriata, nascida em Campo Grande (MS) a 1º de agosto de 1931, filha de Estevão Capriata (1898-1971) e Jacyntha Fróes Capriata (nascida em 1908), ambos naturais de Porto Murtinho (MS); neta paterna de Paolo Capriata e Maria Trinfolio Capriata, naturais de Capri (Itália); e materna de Ataliba da Silva Fróes (natural de Formiga/MG), e Eudóxia Valle Fróes (natural de Porto Murtinho).

4.3 - Alberto Carlos Teixeira Dutra, nascido em Campos a 28 de julho de 1933, casado com Rachel de Barros Freitas, nascida no dia 18 de junho de 1934, filha de Yanez Carvalho de Freitas (1899-1961) e Alice Barros de Freitas (nascida em 1898); neta paterna de Sebastião Peixoto Freitas e Ismênia Carvalho de Freitas, e materna de Oscar de Barros Carneiro e Rachel Freitas Barros.

3.2 - Albano Teixeira, nascido em 8 de novembro de 1889 e batizado a 16 de fevereiro de 1890. Casou-se no dia 11 de março de 1911 (Cart. Reg. Civil Laranjeiras, Casamentos, 1º 4, pág. 70, pesquisa de Elaine Pinto da Cunha) com Esther Louro, filha de Joaquim Fernandes Louro e Adelaide Pereira. Albano, alguns anos depois do casamento, abandonou a esposa e filhos e foi para Bauru, no Estado de São Paulo e, de lá, para Corumbá, de onde chegaram as últimas notícias dele na década de 30. O irmão Alberto acha que Albano morreu na guerra do Chaco ou na Revolução de Vargas;

3.3 - José Antônio Teixeira Jr., nascido no dia 3 de março de 1885 e batizado a 13 de junho do mesmo ano; casado com Judith Moraes Teixeira, filha de Antônio Teixeira de Moraes (que veio de Portugal com o titular).

3.4 - Diva Moraes Teixeira, nascida a 5 de abril de 1886 e batizada a 3 de junho do mesmo ano. Diva já era morta no ano de 1897.

2.1 - (bis) Secundo e Etelvina tiveram:

3.5 - Etelvira Teixeira, nascida a 2 de janeiro de 1891 e batizada em São Fidélis a 13 de novembro de 1892. Casou-se em São Fidélis (?) com Leonel Lessa. Viveu em Iconha e Chaves, no Espírito Santo.

2.2 - Francisco Teixeira Pena, nascido em 22 de agosto de 1863 e falecido na Colônia, bairro de São Fidélis, no dia 12 de outubro de 1918.

Foi casado em Itaocara a 3 de dezembro de 1883 (CB3, 3) com Josefa Francisca de Azevedo, filha de Constantino Francisco de Azevedo e Maria Antunes Moça, a 3 de dezembro

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

de 1883. A certidão de batismo de Francisco, datada de 29 de janeiro de 1863, informa que ele era nascido há quatro meses.

Eram moradores no distrito de Colônia.

Deles vieram:

3.1 - Emília da Silva Pena, que nasceu na Colônia às 8 horas da manhã de 14 de setembro de 1903.

2.3 - Prudência da Silva Pena, casada com o cap. Antônio José de Carvalho Bravo, filho de Constantino Francisco de Azevedo e Maria Antunes Moça. Com geração no tit. AZEVEDO.

2.4 - Florisbela³ da Silva Pena, casada com Carlos Augusto de Azevedo, filho de Manuel José de Azevedo e Justina Francisca de Azevedo. Com geração no tit. AZEVEDO.

2.5 - Emília da Silva Pena, nascida a 22 de novembro de 1853 e batizada a 25 de janeiro do ano seguinte pelo tio Bernardo Teixeira e pela segunda mulher do avô, Sancha Maria.

Casou-se em Itaocara em 1873 com seu parente José Pereira de Oliveira Durão, filho de Damião Pereira Durão e Guilhermina Eugênia Pereira. Ver descendência adiante.

Ela era viúva em 1884. Ao que parece depois se casou com Deolindo Teixeira Pena.

O segundo casal deixou:

3.1 - Mandolinata, batizada em (Itaocara?) a 24 de dezembro de 1886.

2.6 - Joaquim Teixeira Pena, nascido no dia 6 de agosto de 1856;

2.7 - Francisca da Silva Pena, batizada com nove meses de idade, no dia 20 de maio de 1861, na matriz de São José de Leonissa (Itaocara) e ali casada às 11 horas da manhã de 7 de novembro de 1877 com Carlos Augusto, viúvo de sua irmã Florisbela.

O casal teve:

3.1 - Lauro, nascido em Itaocara a 26 de agosto de 1878 e batizado por Joaquim José Teixeira Pena e Ambrosina Augusta do Nascimento.

2.8 - Miguel Teixeira Pena Jr., nascido em 1857.

2.9 - Maria, batizada com um ano de idade no dia 14 de junho de 1859. Faleceu a 25 de novembro de 1870 (CC1, __).

1.2 - Antônio José Teixeira Pena Jr., nascido em 1811 na Corte do Rio de Janeiro, morador em São José do Ribeirão (Bom Jardim) em 1837 e em 1871.

Foi casado na capela de Nossa Senhora da Conceição, no dia 21 de setembro de 1836 com Mariana Rosa de Jesus (depois Mariana Rosa da Silva Pena⁴), filha de Joaquim Paulino de Andrade e Ana Maria da Conceição. Mariana era natural de Cantagalo e estava viúva de José Belbice de Moura, falecido em Itaboraí.

Ele já era defunto em 1875 e ela já o era em 1888.

Deles vieram:

2.1 - Nísia Francisca da Silva Pena, natural de São José do Ribeirão (Bom Jardim) e casada em Itaocara às 9 horas da manhã de 11 de março de 1876 com Juvenal Nogueira de Miranda, natural do arraial de Santa Quitéria (MG), filho de Francisco Nogueira de Miranda e Cidália de Portugal e Castro.

2.2 - Deolindo Teixeira Pena, natural de Nova Friburgo, nascido a 1º de fevereiro de 1856 e casado em Itaocara às 2 horas da tarde de 7 de janeiro de 1878 (CB2, 116) com Emília Rodrigues da Câmara, de Itaocara, filha de Cristóvão Rodrigues da Câmara e Maria Isabel.

2.3 - José Teixeira Pena, nascido em Nova Friburgo a 1º de agosto de 1837 e casado em Itaocara às 11 horas da manhã de 16 de fevereiro de 1878 com Custódia Francisca Jesus⁵, de Itaocara, filha de Delfino José Raposo e Rosa Maria da Conceição.

Viviam do que produziam em sua roça.

Pais de:

³Às vezes chamada Felisbela.

⁴É curioso que esse casal tem exatamente os mesmos nomes que os pais de Antônio José.

⁵ Ou Custódia MARIA DE JESUS em (LB1, 4v).

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

3.1 - Pampelino, nascido em Itaocara a 16 de fevereiro de 1879.

3.2 - Isabel Rosa de Jesus, nascida em Itaocara às 4 horas da tarde de 20 de setembro de 1888 (LB1, 1º, 4v).

2.4 - Amélia Januária da Silva Pena, nascida em Euclidelândia a 30 de março de 1860 e moradora em São José do Ribeirão, onde se casou às 11 horas da manhã de 26 de julho de 1875 com Emílio Damásio de Moraes, de 22 anos, natural de Nova Friburgo, filho de Antônio Damásio Pavão e Maria Luísa da Conceição.

2.5 - Clarinda Josefina da Silva Pena, nascida em Nova Friburgo a 2 de novembro de 1844 e que se casou na matriz de Santa Rita do Rio Negro, em Euclidelândia, às 9 horas da manhã de 25 de agosto de 1860 com José de Barros Correia Guimarães, da freguesia do Santíssimo Sacramento, na vila de Barcelos (Portugal), filho de João Luís Correia Jr. e Antônia Maria Correia.

Ele era alfaiate em Itaocara.

O casal teve:

3.1 - Altília, batizada em Itaocara no dia 18 de agosto de 1878.

3.2 - Antônio, nascido em Itaocara no dia 4 de fevereiro de 1878.

3.3 - Jurema Iná de Barros, nascida às 4h 30m da madrugada de 18 de dezembro de 1888.

3.4 - Bráulio de Barros Guimarães, branco, itaocarense casado com 24 anos de idade na matriz de São José de Leonissa às 9 horas da manhã de 23 de fevereiro de 1889 (CB4, 82) com Januária Rosa Nogueira, sua conterrânea, também branca, de 18 anos, filha de Florentino Batista Nogueira e Maria Rosa de Jesus.

Ele era barbeiro em Itaocara em 1889 (LB1, 1º, ___).

3.5 - Januária de Barros Guimarães, nascida em Itaocara e nela casada às 5 horas da tarde de 12 de outubro de 1889 (CB4, 123) com Francisco Lopes Catete, oriundo de Leopoldina (MG), filho de Roque Lopes Catete e Maria Graciana da Silva.

2.6 - Eugênio Teixeira Pena, nascido em Nova Friburgo a 30 de novembro de 1853.

2.6 - Marciano Teixeira Pena, nascido em S. João Batista de Friburgo e a 22 de outubro de 1840 e casado em Santa Rita do Rio Negro (Euclidelândia) às 11 horas da manhã de 22 de julho de 1872 com sua prima Elisa Albina Durão, daquela freguesia e moradora da cidade de Cantagalo, filha de Damião Pereira Durão e Guilhermina Eugênia Teixeira Pena.

2.7 - João Teixeira Pena, nascido em Nova Friburgo a 25 de dezembro de 1838. Foi batizado por Anselmo Teixeira Pena e Ana Maria da Conceição.

2.8 - Maria Pena, nascido em Nova Friburgo a 17 de outubro de 1842.

2.9 - Luísa Teixeira Pena, mãe natural de:

3.1 - Maria Pena da Silva, nascida em Itaocara às 11 horas da noite de 28 de fevereiro de 1889 e falecida no dia 19 de fevereiro de 1890 (LB1, 1º, ___).

2.10- Emília Carolina da Silva Pena, de Itaocara, onde se casou com 24 anos de idade às 3 horas da tarde de 2 de maio de 1885 (CB3, 34) com Antônio Pontes da Silva, de 38 anos, nascido em São Sebastião do Alto, filho de Manuel Pires da Silva e (Fortunata?) Maria da Silva.

1.3 - Bernardo Teixeira Pena, nascido em 1817, falecido com mais de 60 anos no dia 23 de novembro de 1879 (CC2, 27). Morava em Itaocara em 1871.

1.4 - Domingos Teixeira Pena, nascido em 1805, casado com Maria Benedita da Veiga, filha de José da Veiga de Andrade e Arcângela Ferreira de Andrade. Ele faleceu com 80 anos a 3 de dezembro de 1887.

Em 1830 Domingos estava ausente de Friburgo. Em 1871, segundo o inventário de bens da mãe, morava em São José do Ribeirão.

Eles deixaram os filhos seguintes:

2.1 - Justina Laurinda da Veiga Pena, casada na matriz de São José de Leonissa às 3 horas da tarde de 7 de janeiro de 1865 com Henrique Bucher, natural de Cantagalo, filho de Jacob Bucher e Reginalda Úrsula.

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

Tiveram:

- 3.1 - Apolônia, nascida em Itaocara a 10 de janeiro de 1871 e batizada por Domingos Teixeira Pena e Arcângela da Veiga Pena.
- 3.2 - Micaela, nascida em Itaocara no dia 29 de abril de 1873.

- 2.2 - Maria Amélia da Veiga Pena, nascida em Itaocara a 4 de outubro de 1843 e ali casada, na mesma data e horário que sua irmã Maria Justina, com Conrado Antônio Bucher, também filho de Jacob Bucher e Reginalda Úrsula.

Tiveram:

- 3.1 - Arcângela Bucher, casada com José Augusto Lontra, filho de Antônio Augusto da Fonseca Lontra e Maria Inocência de Assis. Com sucessão no tit. ALMEIDA RABELO em *A Gente da Capitania da Paraíba do Sul*.

- 2.3 - Ludovina da Veiga Pena, casada com José Francisco Lopes Leal, filho de Carneiro Lopes Leal e Joana Rosa do Bonsucesso. Com geração em LOPES LEAL.
- 2.4 - Joaquim Teixeira Pena, casado em Itaocara às 10 horas da manhã de 29 de setembro de 1887 com Teresa Jerônima de Jesus Correia, viúva de João Alexandre de Abreu Correia.
- 2.5 - Honório Teixeira Pena, nascido em Itaocara a 21 de setembro de 1852 e falecido em 1895.

- 1.5 - Manuel Teixeira Pena, nascido em 1806 e falecido em Itaocara a 22 de agosto de 1874.

Foi casado com Josefina Balduína da Veiga.

Parece que viveram por um tempo na cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu a filha Josina.

Pelo inventário de bens da mãe, moravam em São José do Ribeirão em 1871.

Do casal procederam:

- 2.1 - Guilhermina Balduína da Veiga, natural de Nova Friburgo e casada em Itaocara a 2 de outubro de 1865 com Manuel José de Barros, de São João Batista de Niterói, filho de outro de igual nome e Luísa Joaquina da Conceição.

Tiveram:

- 3.1 - Manuel, nascido em Itaocara a 2 de setembro de 1876 e batizado por Cândido Teixeira Pena e Ana Júlia dos Santos.

- 2.2 - Cândido Teixeira Pena, nascido em Nova Friburgo a 11 de janeiro de 1836 e casado em Itaocara às 2 horas da tarde de 3 de julho de 1862 (CB1, 158) com Rita Maria do Carmo, nascida em Itaocara, filha de Luís da Costa Ferreira e Leopoldina Carolina do Carmo.

Rita morreu em Itaocara no dia 6 de junho de 1880 (CC2, 28v).

Pais de:

- 3.1 - Josefina, falecida em Itaocara a 20 de outubro de 1865 com 15 meses de vida (CC1, 178).
- 3.2 - Luís, nascido em Itaocara no dia 12 de março de 1867.

- 2.3 - Delfino Teixeira Pena, nascido em Nova Friburgo a 5 de dezembro de 1836 e que morreu em Itaocara no dia 26 de outubro de 1880, solteiro (CC2, 30v).
- 2.4 - Manuel Pena, nascido em Nova Friburgo a 10 de abril de 1833.
- 2.5 - Josina Balduína da Veiga Pena, casada com Luís Gomes de Azeredo, filho de Manuel José Gomes e Ricarda Cordeiro de Resende. Com geração no tit. RESENDE.

- 1.6 - Guilhermina Eugênia Teixeira Pena, nascida a 27 de junho de 1824 e batizada no oratório Santo Antônio, na fazenda Boa Vista (do pai dela), a 18 do mês seguinte.

Foi casada em Nova Friburgo a 6 de fevereiro de 1841 com Damião Pereira Durão, que morreu em Cantagalo viúvo e com 56 anos. Foi sepultado em Euclidelândia no dia 19 de março de 1868.

Ela já era morta em 1871. Ele já estava morto em 1873.

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

Moravam em Santa Rita do Rio Negro (Euclidelândia).

Deles vieram:

- 2.1 - Júlio Pereira Durão, nascido por volta de 1841 e morador em Euclidelândia em 1871.
- 2.2 - Antônio, nascido cerca de 1842 em Cantagalo.
- 2.3 - José Pereira de Oliveira Durão, que foi casado em Itaocara à uma hora da tarde de 22 de fevereiro de 1873 (CB2, 68v) com Emília da Silva Pena, nascida a 22 de novembro de 1853 e batizada a 25 de janeiro do ano seguinte, filha de Miguel Teixeira Pena e Nísia Prudência da Silva.

Ele já estava morto em 1874.

Viúva, parece que ela se casou com Deolindo Teixeira Pena. Estes deixaram os filhos atrás nomeados.

Tiveram:

- 3.1 - João, nascido a 14 de outubro de 1879 e batizado em Santa Rita do Rio Negro (Euclidelândia).

2.4 - Maria Fortunata Durão, casada com Leopoldino Augusto de Campos Lima, filho de Antônio Pacheco de Campos Lima e Deolinda Felisberta. Com geração no tit. PACHECO DE CAMPOS LIMA.

2.5 - Maria, que tinha 12 anos em 1871.

2.6 - Elisa Balbina Durão, com 16 anos em 1871 e casada em Euclidelândia com seu primo Marciano Teixeira Pena, filho de Domingos Teixeira Pena e Maria Benedita da Veiga.

Com os descendentes já ditos.

2.7 - Alfredo, com 7 anos em 1871.

2.7 - Maria Laurentina, nascida em Itaocara a 9 de fevereiro de 1853 e, ao que parece, falecida na menoridade.

1.7 - João Teixeira Pena, nascido a 8 de março de 1820 e batizado no dia 25 de junho do mesmo ano.

1.8 - Maria Teixeira Pena, nascida a 24 de junho de 1822 e batizada em Nova Friburgo a 7 de agosto do mesmo. Faleceu em Cantagalo no dia 23 de agosto de 1822, de um defluxo, com 2 meses de idade.

1.9 - Maria Amália Pena, nascida a 13 de março de 1827 e batizada a 12 do mês seguinte. Foi casada com Antônio Alves de Souza, natural de Minas Gerais, filho de Francisco Alves de Brito e Ana Perpétua da Conceição.

Dessa união vieram:

- 2.1 - Francisco, nascido em Itaocara a 15 de novembro de 1856.

1.10- Joana Antônia da Silva, que em 1822 batizou a irmã Maria. Foi casada com Joaquim Antônio Marques, que já era defunto em 1871.

Moravam em São José do Ribeirão. Em maio de 1852 ela já era morta e ele passou a segundo casamento (com Maria José de Souza, viúva de João Machado Coelho).

Do casal procedem:

2.1 - Rosa Joaquina Marques, casada em Nova Friburgo a 8 de junho de 1844 com José Narciso da Silva Vieira, natural de São João de Itaboraí, filho de Narciso da Silva Vieira e Jacinta Rosa de Jesus.

Moravam em São José do Ribeirão em 1871.

2.2 - Maria, casada com Joaquim José Luís da Silva Jr.

2.3 - Guiomar Joaquina da Silva, que morreu entre os dias 10 e 20 de dezembro de 1874, casada em Nova Friburgo a 25 de maio de 1852 com Joaquim José da Silva Lisboa, nascido em Porto das Caixas e já morto em 1880, filho natural de Jacinta Rosa de Jesus⁶.

Em 1853 e em 1871 moravam em São José do Ribeirão.

Deles vieram:

- 3.1 - Hortência Emerenciana da Silva Lisboa, nascida em São João Batista de Nova Friburgo a 21 de setembro de 1856 e casada às 3 horas da tarde de 11 de abril de 1874 na matriz de

⁶Já finada em maio de 1852.

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

São José do Ribeirão com Rodrigo José de Carvalho, viúvo de Maria Amália Odília de Carvalho.

Rodrigo morreu entre novembro de 1880 e agosto de 1881.

Pais de (todos, exceto Luís, batizados em São José do Ribeirão):

- 4.1 - Raul de Carvalho, nascido a 24 de maio de 1875.
- 4.2 - Humberto de Carvalho, nascido no dia 26 de fevereiro de 1877.
- 4.3 - Arlinda de Carvalho, nascido a 17 de janeiro de 1879.
- 4.4 - Luís, nascido em Itaocara a 26 de fevereiro de 1879 (!!!).
- 4.5 - Alcebiades, que nasceu no dia 9 de agosto de 1881, já com o pai finado.

3.2 - Jacinta Rosa da Silva Lisboa, casada com Fernando Antônio Alves Jr., filho de Fernando Antônio Alves e Maria Cândida da Silva Alves. Com geração no tit. ALVES.

3.3 - Guiomar Joaquina da Silva Lisboa, que se casou em São José do Ribeirão às 2 horas da tarde de 9 de outubro de 1880 com Viriato José Pinto de Queiróz, de 22 anos, filho de Carlos José Pinto de Queiróz e Ana Maria da Rocha.

3.4 - Maria Amália da Silva Lisboa, que foi casada na matriz de São José do Ribeirão às 4 horas da tarde de 13 de novembro de 1880, aos 19 anos, com Wenceslau Cordovil de Siqueira e Melo, de 30 anos, natural e morador em Cantagalo, filho de Bartolomeu Cordovil de Siqueira e Melo e de Maria Casemira Cordovil Monteiro.

3.5 - Domingos José da Silva Lisboa, que se casou em São José do Ribeirão, com 21 anos de idade, às 10 horas da manhã de 21 de janeiro de 1889 com Amélia Soares Pascoal, de 25 anos, viúva de Pedro Fernandes Pascoal e filha dos finados cap. Francisco José Soares de Castro e Amélia Felícia.

3.6 - José, nascido em São José do Ribeirão a 10 de dezembro de 1872.

3.7 - Joaquim, nascido em Nova Friburgo a 2 de maio de 1853.

1.11- José Teixeira Pena, nascido em Nova Friburgo e lá falecido solteiro a 26 de outubro de 1841. Foi sepultado no cemitério da vila.

1.12- Anselmo Teixeira Pena, que morreu em Nova Friburgo solteiro aos 32 anos de idade a 15 de julho de 1846. Sepultado em São José do Ribeirão.

NOTAS:

1. Mariana Teixeira Pena, parda, viúva, falecida com 70 anos, mais ou menos, em 16 de março de 1888.
2. José Antônio Teixeira, residente na freguesia de São José do Ribeirão e que vendeu terras em Santa Maria Madalena (RJ)
3. A 27 de março de 1896 morreu em São Fidélis, com 24 anos de idade, Manuel Teixeira Pena, solteiro, natural de Itaocara;
4. A 18 de setembro de 1876 morre, com 37 anos de idade, em São Fidélis, Augusto Teixeira Pena, solteiro (CC2, 14v);
5. A 13 de setembro de 1879 morre em São Fidélis, aos 37 anos, Amélio Teixeira Pena, solteiro (CC2, 26).
6. Anselmo Teixeira Pena foi casado com Joana Dutra. Pais de:
 - 2.2 - Trajano Teixeira Pena, casado com Joana Maria, filha de João (Miranda?) e (Teodora?) Maria da Conceição.

Deles vieram:

 - 3.1 - Ruth Pena, nascida a 13 de junho de 1925 (Cart. Reg. Civil Laranjeiras, Nascimentos, 1º 10, pág. 46, pesquisa de Elaine Pinto da Cunha).
 - 3.2 - Elídia, nascida no dia 3 de abril (ou 21 de outubro?) de 1928 (Cart. Reg. Civil Laranjeiras, Nascimentos, 1º 12, pág. 50, pesquisa de Elaine Pinto da Cunha).

TEIXEIRA PEREIRA

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

João Teixeira Pereira foi casado com Isabel Vitorina de Souza.

Pais de:

- 1.1 - Eduardo Teixeira de Souza, nascido em Cantagalo e casado em Itaocara aos 35 anos de idade às 9 horas da manhã de 2 de maio de 1887 (CB3, 80v) com Maria José Pereira, de 18 anos, nascida em São Sebastião do Alto, filha de Francisco de Paula Pereira e Josefa Fernandes da Silva.

TEIXEIRA PEREIRA DA SILVA

João Teixeira Pereira da Silva foi casado com Ana Maria de Jesus, natural de Itaverava.

Em 1813, ele estava como sargento mor das Entradas e Saídas do Mato e de Escravos Fugidos em Cantagalo.

Ana Maria morreu em Cantagalo a 7 de maio de 1826, viúva, com 50 anos de idade, de uma paralisia. Foi sepultada no cemitério da fazenda de José Ferreira da Rocha.

Pais de:

- 1.1 - Antônio Teixeira, pardo, nascido em Cantagalo a 19 de fevereiro de 1813 e batizado a 7 de março. Casou-se na mesma freguesia a 12 de maio de 1834 com Placidina, também de Cantagalo, exposta em casa de Manuel José Soares.
- 1.2 - Joaquim Teixeira Pereira⁷, nascido na freguesia de do Mártir São Manuel do Rio Pomba e casado na matriz do Santíssimo Sacramento de Cantagalo a 8 de setembro de 1826 (E/1045, p. ___) com Albina Maria do Espírito Santo, parda livre, filha de Felipe Vieira Santiago e Floriana Maria do Espírito Santo.

Deles vieram:

- 2.1 - Maria, batizada na matriz de Cantagalo no dia 26 de outubro de 1840 (AA2, 1A, 106v).

TEIXEIRA DA SILVA

Constantino Teixeira da Silva foi casado com Rita Maria de Jesus.

Pais de:

- 1.1 - Camilo Constantino Lele, nascido em Itaocara e ali casado às 11 horas da manhã de 12 de julho de 1875 (CB2, 88) com Ana Vieira da Silva, oriunda de Minas Gerais, filha de José Vieira da Silva e Carolina Maria de Jesus.
- 1.2 - Manuel Constantino da Silva, que se casou em Itaocara com 22 anos de idade às 10 horas da manhã de 26 de agosto de 1884 (CB3, 16v) com Maria José Vouly, nativa de Santo Antônio de Pádua, filho de João Bernardo Vouly e Leopoldina Maria da Conceição.
- 1.3 - Maria Teixeira do Espírito Santo, nascida em Itaocara e ali casada com 15 anos de idade às 11 horas da manhã de 29 de novembro de 1884 (CB3, 23v) com Manuel Correia da Silva, de 21 anos, nascido no Carmo de Cantagalo, filho de José Correia da Silva e Maria Jacinta de Jesus.

TEIXEIRA DA SILVA

Constantino Teixeira da Silva casou-se em Itaocara a 4 de agosto de 1845 (CB1, 53) com Úrsula Maria das Virgens.

Pais de:

- 1.1 - José Constantino Teixeira, nascido em Itaocara e ali casado às 2 horas da tarde de 15 de junho de 1879 (CB2, 137v) com Donata Antônia, sua conterrânea, batizada em Itaocara a 9 de fevereiro de 1848, filha de André José Ribeiro e Maria Josefa.

⁷ Comparar com tit. TEIXEIRA DO CARMO.

TEIXEIRA DA SILVA

Manuel Teixeira da Silva foi casado com Albina Cândida.

Pais de:

- 1.1 - Antônio Pereira Avoca, casado em Itaocara às 10 horas da manhã de 4 de novembro de 1861 (CB1, 152) com Maria da Conceição, filha de João E(telé?) e Joaquina Maria da Silva.

TEIXEIRA DA SILVA

Manuel Teixeira da Silva foi casado com Maria Alves.

Ela morreu de febres em Itaocara no dia 4 de agosto de 1875, na faixa de 30 anos de idade. Foi enterrada no cemitério de N. Sra. da Conceição da Estrada Nova (CC2, 13).

Pais de:

- 1.1 - João Teixeira da Silva, nascido em Santa Rita do Rio Negro e casado em Itaocara às 9 horas da manhã de 23 de setembro de 1880 (CB2, 157v) com Maria Rosa, nascida em São José do Ribeirão, filha de Bernardo Pinto Ribeiro e Maria Rosa de Jesus.
- 1.2 - Maria, nascida em Itaocara em 7 de dezembro de 1866. Talvez a Maria Teixeira da Silva casada com 17 anos de idade às 11 horas da manhã de 19 de setembro de 1886 (CB3, 66v) com José Teixeira Pinto, de 29 anos, filho de Antônio Teixeira Pinto e Carolina Rosa de Jesus.

TEIXEIRA DE SOUZA

Francisco Teixeira de Souza foi casado com Claudina de Souza dos Santos.

Pais de:

- 1.1 - Eliseu Teixeira de Souza, nascido em Santa Maria Madalena e casado em Itaocara, após dispensa dos proclamas pelo bispo, às 2 horas da tarde de 16 de janeiro de 1875 (CB2, 82v) com Rita Cândida Poubel, itaocarense, filha de Francisco Xavier Poubel e Maria Amélia dos Santos.

TEIXEIRA DE SOUZA

Manuel Teixeira de Souza Jr. nasceu na freguesia da Candelária, no Rio de Janeiro, filho do cap. Manuel Teixeira de Souza e Isabel Vitória de Souza.

Casou-se em Cantagalo no dia 31 de agosto de 1839 com Josefa Leopoldina Soares, nativa da aplicação da capela de Paulo Moreira, freguesia de São Caetano (MG), filha natural de Joaquim José Soares.

Tinham em 1855 um quarto de terras, compradas a José Bernardo de Carvalho (S2, 29º, 4v). E terras na sesmaria de Manino Deus das Lavrinhas, nas vertentes que voltam da fazenda da Batalha e uma fazenda nas cabeceiras do ribeirão das Areias, esta comprada em 1840 a José Antônio Freire de Andrade (S2, 29º, 15).

Desta união vieram:

- 1.1 - Joaquim, batizado na matriz de Cantagalo no dia 27 de agosto de 1840 (AA2, 1A, 100).
- 1.2 - Constância, batizada na matriz de Cantagalo em 18 de junho de 1843 (AA2, 1-2, 29).
- 1.3 - Priscilina, batizada na matriz de Cantagalo no dia 30 de outubro de 1846 (AA2, 1-2, 101).
- 1.4 - Ermelinda, gêmea de Prisciliana e batizada ao lado dela.
- 1.5 - Elísia, batizada na matriz de Cantagalo em 31 de agosto de 1847 (AA2, 1-2, 114).

TEIXEIRA DE SOUZA VIANA

João Teixeira de Souza Viana foi casado com Isabel Vitorina de Souza.

Eram moradores em sítio no termo de Cantagalo (S2, 28°, 28).

Pais de:

- 1.1 - João Teixeira de Souza, nascido em Cantagalo e casado em Itaocara às 10 horas da manhã de 7 de junho de 1880 (CB2, 152v) com Maria Emília Dias, viúva de Joaquim de Souza.
- 1.2 - Rita Vitorina Teixeira de Souza, nascida em Cantagalo e casada em São José de Leonissa, Itaocara, às 2 horas da tarde de 12 de janeiro de 1861 (CB1, 149) com Antônio Fernandes Leal, nativo da ilha do Pico, filho de Manuel Fernandes Leal e Rita Jacinta da Silva.

TELES

Antônio Maria Teles foi casado com Guilhermina Maria de Oliveira.

Pais de:

- 1.1 - Maria Antônia Teles, nascida em Santa Rita do Rio Negro e casada em Itaocara à uma hora da tarde de 21 de fevereiro de 1871 (CB2, 50v) com Domingos da Silva Maracá, nascido no Porto (Portugal), filho de Manuel da Silva Maracá e Rosa da Silva.

TELES DA COSTA

João Teles da Costa foi casado com Josefa Maria do Sacramento.

Pais de:

- 1.1 - Miguel Teles da Costa, casado em Itaocara às 2 horas da tarde de 6 de março de 1859 (CB1, 142) com Fortunata Maria da Conceição, filha de Antônio (...) e Mariana (...).

(TOLEDO?)

Mariano José Carlos [de Toledo] foi casado com Joaquina Pereira Barbosa.

Pais de:

- 1.1 - Mariana, batizada em Cantagalo a 24 de janeiro de 1811.

TORRES

O guarda mor Antônio Joaquim de Torres nasceu na freguesia de Santo Antônio de Itaverava, termo da vila de Queluz (MG).

Foi casado com Perpétua Rosa da Encarnação, natural de Minas Gerais.

Tinham fazenda de agricultura em Cantagalo.

Ele morreu em Cantagalo no dia 5 de outubro de 1811. Seu corpo foi velado pelas Ordens do Santíssimo Sacramento e de N. Sra. do Livramento e após missa cantada, foi sepultado na igreja matriz. Deixou testamento. Ela faleceu viúva, aos 50 anos de idade, a 12 de dezembro de 1825.

GENEALOGIA FLUMINENSE

Região Serrana - Genealogias

Pais de (entre outros):

- 1.1 - Francisca Maria de Jesus, casada com José Vieira de Souza, filho do capitão José Vieira de Souza e Maria Gomes da Assunção. Com sucessores indicados no tit. VIEIRA DE SOUZA.
- 1.2 - Ana Joaquina de Torres, branca, casada com Manuel Pinto de Souza Sampaio.
Ana Joaquina morreu em Cantagalo no dia 17 de junho de 1826, de um sobreparto.
Viúvo, Manuel se casou com Luísa Maria de Sampaio, filha do cap. Mariano José Malta e Maria Joaquina da Costa. Com geração no tit. MALTA.

TORRES

João Nepomuceno Torres, que foi casado com Lina Luciana de Jesus, madrinha em janeiro de 1849 em Itaocara.

Ele morreu em Itaocara a 22 de janeiro de 1840, casado, aos 34 anos de idade.

Pais de:

- 1.1 - Maria Lina, casada com Antônio José Torres, filho de José Joaquim Torres e Teresa Maria de Jesus. Com geração no tit. TORRES.

TORRES

José Joaquim Torres foi casado com Teresa Maria de Jesus.

Pais de:

- 1.1 - Antônio José Torres, casado com Maria Lina, filha de João Nepomuceno Torres e Lina Luciana de Jesus.
- 1.2 - Carolina Maria de Jesus Torres, casada em primeiras núpcias com Joaquim Henrique Denevitz, filho de Domingos Denevitz e Carolina Sul(...). Com geração em DENEWITZ.
Ela se casou em segundas núpcias aos 45 anos de idade em Itaocara às 11 horas da manhã de 18 de junho de 1887 (CB3, 84) com Luís Gonzaga da Silva, de 48 anos, nascido em São João de Itaboraí, filho de Antônio João da Silva e Prudenciana Rosa da Conceição.

TRINDADE

José Francisco da Trindade foi casado com Joaquina Maria de Jesus.

Pais de:

- 1.1 - Justiniano Francisco da Trindade, que reconheceu os filhos havidos de Felizarda Maria do Espírito Santo, filha natural de Veridiana Maria de Jesus.
Tiveram:
 - 2.1 - Maria, nascida em Itaocara a 7 de junho de 1851.